

The poster features a woman's face in the upper half, her hands covering her mouth in a gesture of shock or fear. Her long, dark hair flows around her face. In the center, a tall, multi-story apartment building is shown floating in the middle of a dark, choppy sea. The sky is filled with dark, swirling clouds, creating a moody and ominous atmosphere. The overall color palette is dominated by dark blues, greys, and blacks, with some highlights on the woman's face and the building.

*Duas irmãs
Um ex-marido psicopata
Elas estão em perigo
Elas estão...*

ILHADAS

UM CONTO DE SUSPENSE DE
DENIS LENZI



PERIGOSAS NACIONAIS

ILHADAS

DENIS LENZI

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Denis Lenzi.

Capa: **Denis Lenzi**

Revisão: **Carla Fernanda**

Diagramação Digital: **Denis Lenzi**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito do autor.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CONTENTS

[ILHADAS](#)

[SINOPSE](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Sobre o Autor](#)

SINOPSE

Telma não tinha alternativa quando viu que ficaria ilhada pela enchente e havia somente dois únicos moradores no prédio: a síndica e o policial aposentado. A maioria dos moradores saiu para abrigar-se em outro lugar e ela tinha que ficar no apartamento por um bom motivo: cuidar da sua irmã mais velha, Lorena, que foi acometida pela Síndrome de Cotard, uma doença mental que faz a pessoa pensar que está *morta*, depois de sofrer violência física e psicológica nas mãos do seu marido, Klaus, um homem violento e perigoso que tentou atentar a sua vida dois anos atrás. Agora, o ex-marido encontrou uma forma de entrar no prédio. Sua intenção: matá-las.

Como Telma fará para proteger-se, além da sua

PERIGOSAS NACIONAIS

irmã, em um prédioilhado, sem energia, sem telefone e sem contato com a polícia?

PERIGOSAS ACHERON

“A culpa da violência contra a mulher é da sociedade machista em que vivemos e da falta de leis mais severas para esse tipo de crime. Mas não podemos deixar de citar os comportamentos inadequados de ambos os sexos que incitam essa prática de crime. Essas condutas inadequadas são frutos da ausência de uma boa formação familiar, educacional e social.”

Herbert Alexandre Galdino Pereira

Capítulo 1

Fazia mais de vinte dias que chovia sem parar. E como chovia! Segundo a notícia do jornal, a prefeitura da cidade Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, decretou estado de emergência. Houve deslizamentos dos solos instáveis em algumas regiões, causando soterramento de algumas casas e pessoas. Tragicamente, houve mortes.

A síndica, Andressa Furtado, moradora do apartamento 1501, do décimo quinto andar, emitiu um comunicado por e-mail e *WhatsApp*, a todos os moradores que a rua (onde ficava o prédio chamado *Sol Nascente*, construído por volta no ano 90) seria a próxima a ser alagada por causa do limite do nível no rio e que os moradores poderiam ficar

ilhados, como aconteceu nos anos anteriores. Não havia nenhuma previsão de quando vai baixar o nível do rio, já transbordando no centro da cidade e tendo alagamentos em algumas ruas, provocando caos e engarrafamentos. E tende a aumentar de forma alarmante.

Os moradores dos apartamentos nem quiseram correr risco de ficarem ilhados no prédio e fizeram suas malas para logo em seguida partir para as casas dos parentes ou amigos próximos para abrigá-los. Eles passaram por essa situação havia muito tempo e nem quiseram repetir a mesma experiência. Quanto a Telma, moradora do apartamento 703, do sétimo andar, não podia simplesmente sair do apartamento por um motivo: sua irmã mais, Lorena, que não tinha condição de sair do prédio pelo seu estado mental.

As duas irmãs mudaram para esse apartamento alugado havia dois anos. Era confortável com dois quartos, dois banheiros, sendo um que possuía banheira, amplas salas de estar e uma sacada com churrasqueira. A localização do prédio tinha tudo o que as duas irmãs precisavam. Era perto do

supermercado, feira, padaria, farmácia 24 horas e banco. Tudo perfeito para Telma. Na verdade, não tanto perfeito como ela achava que seria. Havia uma preocupação constante com sua irmã.

Lorena permanecia sentada na poltrona inclinável, feito especialmente para ela devido a sua condição mental, e segurando um controle remoto. Ela observava fixamente a televisão em que noticiava sobre a crise econômica do Brasil. Ela ficava ali o dia todo, sem se importar com o tempo que passava correndo. A vida dela resumia assim: assistir e dormir. Às vezes, com muito esforço, Telma a fazia comer e beber, para ela não morrer de fome e nem de sede. E sempre tem sido assim dia após dia. A causa que deixou Lorena em seu estado deplorável era apenas uma: seu ex-marido Klaus. Seu nome nem merecia ser mencionado e nem lembrado pela tamanha atrocidade que fez com Lorena.

Klaus a violentou, tanto fisicamente quanto emocionalmente, e, para piorar ainda mais a situação, deu soco e pontapés, causando vários hematomas por todo o seu corpo, que por pouco

quase morreu de hemorragia interna. Não fosse pela vizinha que ouviu o grito dela e chamou a polícia, Lorena estaria morta por estrangulamento. Klaus foi pego em flagrante por dois policiais, que, ao vê-lo tentando estrangulá-la, apontaram as armas para ele para salvá-la.

Depois desse fato ocorrido e com laudo comprovado pela perícia da polícia, Lorena conseguiu a Lei Maria da Penha. Klaus foi preso, porém, infelizmente, foi por pouco tempo e solto pelo advogado competente contratado por alguém da família, que pagou a fiança pela liberação dele. Porém, diante da Lei Maria da Penha, Klaus foi proibido de chegar perto dela. E caso chegue perto de Lorena, Telma era obrigada a chamar a polícia imediatamente. Agora, passando quase dois anos, Klaus nunca mais tornou a aparecer novamente para as duas.

Porém, meses depois do ocorrido, ela sofria de depressão e tinha pesadelos constantes, e a situação foi se agravando que ela foi acometida pela Síndrome de Cotard, uma doença mental que fazia a pessoa acreditar estar realmente morta, que não

tem mais órgão interno ou parte do corpo. Quando o médico informou sobre o diagnóstico, Telma levou um baque emocional. A princípio, ela desconhecia a tal doença e depois que o médico explicou sobre o estado psiquiátrico da sua irmã, embora não quisesse ouvir. Era doloroso pensar que a sua irmã agia como uma morta, mesmo não estando de verdade.

Lorena era seis anos mais velha do que Telma e mesmo assim ela tinha que cuidá-la, dar comida, banho e dormir junto com ela. Lorena sempre tinha pesadelos achando que Klaus escondia ali, parado ao lado dela, com a faca atrás das costas, esperando para vê-la abrir os olhos e apunhalá-la de surpresa. Isso foi tudo o que Lorena conseguiu contar para sua irmã em seu momento de lucidez. E depois ela ficava calada novamente, agindo como uma morta-viva, com a mente distante, como se não estivesse mais ali presente para Telma. A irmã caçula achava horrível ver o estado de Lorena e isso partia seu coração.

Ela era uma mulher cheia de vida, bem-humorada e extrovertida até o dia em que conheceu

Klaus, que mudou a vida dela, transformando-a em uma mulher amarga, assim como o vinho doce para o gosto de vinagre. A princípio, ela viveu uma linda história de amor, cheia de paixão e sexo selvagem, tal qual como um filme de romance ardente. Tinha sido maravilhoso para ela, tanto que casou com ele. Porém, nos meses seguintes, Klaus revelou a outra face sombria que ela desconhecia. Proibiu-a de sair com amigas, inclusive sua própria irmã Telma, proibiu-a de sair sozinha para fazer compras, exigiu que pedisse demissão do trabalho em que ela trabalhava como vendedora de roupas de grifes, ganhando bem mais do que o próprio marido, que, por sua vez, trabalhava como metalúrgico. Ele não suportava que Lorena era bem mais valorizada do que ele, tanto que começou a humilhá-la, chegando a ponto de conseguir fazer a estima dela despencar nos meses seguintes, tornando-se uma mulher submissa e desvalorizada, e tudo que ela podia fazer a mando dele era fazer sexo todo dia, mesmo quando não sentia bem. Lorena contou, em segredo, tudo para Telma sobre o comportamento dele pelo telefone. Ao saber desse fato, desconhecendo o lado sombrio do Klaus, Telma pediu-lhe para largá-lo e morar com ela. Temia pela

segurança dela. Mas Lorena não quis, disse que ela o amava demais, que ele a amava demais apesar do seu ciúme doentio. Ela não acreditou no que sua irmã mais velha lhe dissera, e viu que ela sofreu uma lavagem cerebral, que não tinha mais noção do perigo que o marido demonstrava agora. Apesar da sua insistência para ela largá-lo o quanto antes, nada adiantou. Lorena quis ficar com ele. Depois daquele telefonema, ela pressentiu que o casamento da sua irmã caminhava para um caminho muito perigoso. Já tinha ouvido muitos casos parecidos. Rezou para que nada de ruim acontecesse com sua irmã. Mas o que tanto temia acabou por acontecer e se arrependeu amargamente por não ter feito nada antes para tirá-la das mãos daquele homem doentio.

Ela recebeu uma ligação da vizinha de Lorena dizendo que a sua irmã foi encaminhada para o hospital após sofrer um atentado pelo marido e que por pouco quase perdeu a vida por causa da hemorragia interna além do hematoma do pescoço pela tentativa de estrangulamento. Telma ficou desesperada e saiu correndo para ver a sua irmã no leito do hospital, onde ficou internada por uma semana. Telma recebeu a visita da delegada que

PERIGOSAS NACIONAIS

atendia casos de violência doméstica às mulheres e crianças e relatou tudo o que sabia sobre sua irmã e o relacionamento com o Klaus, do seu comportamento doentio. Depois disso, após a delegada sair do quarto do hospital, ela prometeu a sua irmã que ia cuidá-la. Não podia deixá-la sozinha, não mais.

Depois do terror que Lorena vivenciou, ela virou outra pessoa. Uma pessoa diferente, sem vida e sem brilho. Klaus roubou a alma dela, a sua luz, destruiu a alegria dela. Tomada de ódio por Klaus, Telma desejou que ele morresse logo pela desgraça que trouxe a ela.

No apartamento, Telma ouviu os passos e barulhos dos seus vizinhos acima saindo dos apartamentos e sabia que eles não ficariam no prédio. Não tardaria para que o apartamento ficasse vazio. Achava assustador ela e sua irmã ficarem nesse prédio, impossibilitadas de sair lá fora, com a enchente. “E se pegar fogo? E se algo acontecer com a minha irmã?”, pensou ela, Tentou não pensar muita coisa ruim sobre isso. Desejava que a chuva cessasse logo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Telma teve sorte porque ela e sua irmã moravam no sétimo andar, já que o nível da enchente na rua só alcançaria até nove metros de altura, de acordo com a síndica, moradora desde a inauguração do prédio, atingiria até o segundo andar. Os moradores que moravam no primeiro e segundo andares tiveram que retirar os móveis e eletrônicos urgentemente para evitar estrago. Eles deixaram tudo na escadaria do quinto andar, apenas temporariamente até que a enchente baixasse.

Ela ficou sabendo que a síndica ficaria no apartamento do prédio, porque tinha responsabilidade de tomar conta dele, de checar se estava tudo em ordem. Andressa era uma mulher de cinquenta e poucos anos, de baixa estatura e um pouco robusta. Divorciada e com dois filhos já crescidos e casados. Eleita por dez vezes seguidas para ser síndica por ser competente e deixar o prédio o mais impecável possível sem gastar extravagantemente o orçamento para manutenção e algumas vezes reparos e novas peças como: portão, pequena decoração no hall, tudo para deixar o ambiente mais acolhedor. Apesar da sua qualidade pela zelação do prédio, ela era uma mulher, apesar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de ser simpática, muito séria e discreta que cuidava da sua vida pessoal. Além dela, havia outro morador, do décimo primeiro andar, o seu Nivaldo. Ele era um policial aposentado, um homem gentil e carinhoso que gostava de conversar com todo mundo do prédio. Ao lembrar-se dessas duas pessoas no prédio, ela ficou segura por não estar mais sozinha durante a enchente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Era por volta das dez horas da noite que a chuva voltou com toda a força. Fazia um barulho infernal batendo nos telhados de metal da garagem do prédio. O céu parecia anunciar o fim do mundo de tantos relâmpagos e trovões, assustando bastante os habitantes das cidades. Telma foi lá fora, pela sacada, sentindo o forte vento contra seu rosto, e viu algumas ruas sendo alagadas. Alguns carros tentaram passar ali, mas sem êxito e tiveram que dar meia volta. Depois observou lá embaixo, para a sua rua sob as luzes amarelas dos postes, e viu a água enlameada saindo pelo esgoto. Ela sabia que logo alagaria tudo ali. Era questão de tempo para surgir a enchente nesse bairro. Exatamente como a síndica havia alertado. Ela deitou no sofá, vendo a

PERIGOSAS NACIONAIS

televisão ligada onde passava um filme. Tentava dormir, mas não conseguia, preocupada com o tempo piorando lá fora.

Poucas horas antes do amanhecer, ela foi ver lá fora novamente, espionando pela janela da área de serviço. Viu a rua agora tomada pela enchente. Faltava mais um pouco para encostar nos cabos de energia dos postes. Se a água da enchente encostasse neles causaria um choque muito grande que podia desencadear a morte da pessoa ou animal que estivesse nadando ali. Um risco muito grande. Sabia que, em breve, a energia seria cortada para evitar que isso ocorresse. Voltou para a sala e fumou, sozinha, pensativa. Mais tarde, assim que alvoreceu, porém sem sol, a energia elétrica foi desligada, como era esperado.

Ela terminou de fumar seu cigarro e foi para o quarto ver sua irmã na cama, ainda dormindo, sem estar ciente sobre lá fora. Deitou na cama, ouvindo o barulho da chuva por um tempo até que a sonolência a pegou de jeito e adormeceu.

Ela acordou poucas horas depois, olhou para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua irmã na cama e viu que ainda dormia pesadamente. Achou melhor não incomodá-la e saiu com cuidado da cama. Ela aproximou-se da janela do seu quarto e puxou a cortina escura para o lado, parcialmente. Tudo o que ela viu foi um vasto mar enlameado por toda a parte, com as casas e lojas totalmente submersas, exceto dos telhados. Em uma dessas casas submersas, a quase cinquenta metros de distância, viu um cachorro vira-lata, andando de um lado para o outro no telhado, acuado e latindo. *Ah, não!*, pensou ela. Ela começou a ficar triste, e ao mesmo tempo com raiva dos donos do cachorro terem ido embora sem levá-lo junto, deixando-o à mercê da sorte. Não suportando ver aquilo, que já era demais para ela, fechou as cortinas com as lágrimas quase enchendo seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Telma foi à cozinha preparar café. O fogão podia ser ligado usando gás e uma caixa de fósforos. Deixou pão de forma comprado no supermercado, dias antes da enchente, já fatiados, um pote de manteiga, uma geleia de morango, requeijão. Tomou o desjejum, tomando café com leite, com pouco açúcar. Após a refeição, decidiu acordar a sua irmã. Foi ao quarto e sacudiu um dos braços dela. Ela não acordou. Sacudiu mais uma vez. Ela murmurou alguma coisa e logo em seguida voltou a dormir. Ela suspirou e decidiu que era melhor deixá-la dormir mesmo assim.

Ela trocou a roupa e saiu do apartamento a fim de checar a situação lá fora. Pelo hall do sétimo

PERIGOSAS NACIONAIS

andar, o elevador permaneceu desligado por causa do corte da eletricidade em virtude da enchente. Entrou pela porta de emergência que levava à escadaria, um lugar praticamente feito de concreto, sem vida, tudo cinza, com ar gélido. Pequenas janelas de vidros fechadas permitiam a passagem de luz para interior. Ao chegar no quinto andar, viu os móveis e objetos pertencentes aos moradores dos primeiro e segundo andares. Desceu até o segundo andar e ao dar mais um passo no degrau da escada, parou quando viu água da enchente na sua frente, a pouco centímetros dos seus pés. Os apartamentos lá embaixo, a garagem, estavam todos submersos. Não havia como entrar e tampouco sair dali.

Ela teve a sorte de comprar bastante mantimentos dias atrás quando ficou sabendo sobre a possibilidade de haver uma enchente na cidade. Comprou dois galões de água para caso faltasse água do prédio. Comprou alguns pacotes de macarrão instantâneo, sopas de arroz prontas, bolachas salgadas, biscoitos doces, produtos que continham embalagens e que não precisavam colocar na geladeira, mesmo que tivesse um quilo de carne moída e um peito de frango, ambos

PERIGOSAS ACHERON

descongelando, pouco a pouco, pelo desligamento da energia. Comprou também alguns remédios como Bálsamo Branco, Buscopan, aspirina, paracetamol, Novalgina e kit de primeiros socorros, que ela desejava não precisar usá-los, mas que era necessário apenas por via da dúvida.

Deu meia-volta e, então, ouviu os passos de alguém descendo, indicando que vinha em sua direção. Ficou calada, esperando para ver quem era. Pensou que era a síndica descendo. Porém, os passos da pessoa cessaram e ela viu a sombra projetar na parede. Não conseguiu identificar se era um homem ou uma mulher. A estranha presença procurava alguma coisa ou esperava alguém? Isso ela não sabia.

— Olá! — chamou com certo receio. Torceu para que fosse a síndica. Porém, a pessoa não deu retorno, nem com um simples *oi*, ou *bom dia*, como a síndica costumava fazer quando a encontrava. *Não, não era a síndica*, pensou ela, já preocupada com o possível invasor. Lembrou do seu Nivaldo. Chamou-o pelo seu nome. Mais uma vez, não deu retorno. Não, não era seu Nivaldo. A estranha

pessoa na escadaria não fez questão de responder ao chamado dela, nem por um mínimo de educação. Ela ficou com medo naquele momento e já pensou na possibilidade de mergulhar na água, para fugir da estranha pessoa. Porém, ela sabia que não daria certo. Era longe para nadar por baixo da água até chegar as portas, e todas elas poderiam, na pior hipótese, estar trancadas. Se fizesse isso, morreria afogada bem no meio do caminho. Ela desistiu da ideia de fazer isso. Não queria morrer afogada e ter seu corpo submerso até que fosse encontrado por alguém assim que a enchente baixasse, ela torceu para que a pessoa fosse amistosa e que fosse uma das moradoras do prédio. Não durou nem um minuto quando a sombra se afastou da parede e ouviu os passos dela subindo, afastando-se da Telma, e à medida que foi se distanciando, os passos dela não podiam mais ser ouvidos. A tal presença misteriosa assustou bastante Telma. Ela teve uma estranha sensação de que era Klaus, na escadaria, esperando por ela, disposto a vingá-la por não deixar que ele voltasse a ficar com Lorena. Quando a irmã da Telma se separou e passou a morar com ela, ela recebeu um telefonema ameaçador vindo dele. Ele xingou

PERIGOSAS NACIONAIS

usando uma linguagem ofensiva, de baixo calão, e disse que iria cortá-la em pedacinho para depois jogá-la para os cachorros. Telma ficou horrorizada pelo comportamento dele e desligou na cara dele. Não podia imaginar que um homem, que sempre foi atencioso, simpático, que tinha boa conversa, um cara inteligente, revelou a sua verdadeira máscara como um diabo asqueroso e perigoso. Depois dessa experiência que teve, nunca conseguiu confiar mais em ninguém sabendo que o mesmo usava a máscara o tempo todo para enganar as pessoas com suas segundas intenções. Isso era o que mais a assustava. Para ela, a ideia da existência dos fantasmas, demônios, criaturas, nada se comparava à força do medo que um ser humano mal-intencionado podia lhe proporcionar. Como não ouviu mais os passos da pessoa estranha na escadaria, começou a subir rapidamente, ainda com aquela sensação de medo impregnada nela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Ela voltou para o seu apartamento e viu sua irmã sentada na sala, vendo a televisão desligada, com controle remoto na mão, que apertava insistentemente o botão para ligar a televisão.

Ela aproximou-se da sua irmã e tirou o controle remoto.

— Não temos energia aqui no prédio, querida.

Lorena não lhe respondeu e tampouco a olhou. Telma já esperava por isso, porque sempre foi assim, pensando e agindo como uma morta, acreditando estar em um limbo de outra dimensão, onde teria que reviver dia após dia de tortura psicológica, medo e culpa por tudo o que lhe

PERIGOSAS ACHERON

aconteceu.

— Se você quer comer alguma coisa, me chame, está bem? — perguntou Telma, tratando-a toda seca e fria. Ela não tinha mais paciência, mesmo querendo cuidar mais dela, mas tinha hora que cansava tudo. Tudo tinha um limite. Ela já tinha sofrido e chorado muito por ela, mas agora não podia se esgotar emocionalmente por causa dela. Lorena não queria tomar atitude, não queria ser ajudada. Só queria adoecer, não comer nada, não tomar nada, complicar as coisas para si mesma. Telma achou melhor não interferir demais na vida dela, apenas faria quando ela lhe pedisse ajuda. Era triste ver isso, mas ela não podia fazer mais nada a esse respeito porque Lorena não queria ser ajudada. Tudo o que ela podia esperar era que sua irmã estivesse ciente do problema e tomasse uma atitude para dar a volta de cima. Se Lorena lhe pedisse ajuda, aí sim Telma iria ajudá-la. Mas quando Lorena pediria ajuda? Isso não sabia e desejou que não prologasse muito. A vida era preciosa demais para ser desperdiçada.

Após o café, Telma guardou as coisas na

geladeira desligada e lavou as louças. Mesmo sem energia elétrica no prédio, ainda tinha muitas coisas a fazer: dobrar as roupas e guardar nos armários; varrer os chãos acumulando as poeiras e migalhas de comidas dos dias anteriores, jogando-as na lixeira. E o tempo foi passando rápido e viu que já era meio-dia. O tempo lá fora continuava feio e instável.

Pela varanda, ela podia observar a água enlameada ao redor do prédio enquanto o resto ficava quase submersa. Olhou para aquela casa onde havia um cachorro ilhado, acuado e sem lugar para fugir. Ele latia sem parar. Devia estar faminto e sedento. *Maldito dono daquele cachorro! Espero que ele se ferre por abandoná-lo.* Se ela pudesse, nadaria até ali somente para resgatá-lo. Afinal, ficava apenas a cinquenta metros dali. Não queria deixá-lo sozinho, sob a chuva, com frio, fome e sede. Mas não tinha coragem de ir até lá nadando, com medo de ser levada pela correnteza, de deixar a sua irmã sozinha no prédio. Ela não podia fazer nada a não ser observá-lo e torcer para que ele estivesse bem. Teve que ignorá-lo para não se entristecer ainda mais. Olhou para a água da

enchente e viu alguns entulhos de lixo flutuando. Garrafa de plástico de Coca-Cola, alguns gravetos das árvores, sacola de lixo e um monte de coisas descartáveis sendo levadas pelas correntezas. Começou a ventar muito e fazia muito frio. Voltou para dentro e fechou a porta da sacada.

Na sala, sentada, ficou olhando para a sua irmã, vendo como ficou feia, justamente ela a mulher mais vaidosa, que amava usar roupa linda e sensual, penteado bem caprichado e cheiroso e maquiagem invejável. Agora Lorena tinha uma aparência feia, cabelos mal arrumados, rosto pálido, quase como um zumbi, e vestia somente um roupão velho. Uma mulher tão acabada que parecia mais como uma senhora de sessenta anos do que era realmente. Ela tinha apenas 35 anos. Jovem demais para ficar assim. Klaus conseguiu sugar toda a energia da juventude dela, um maldito vampiro que precisava urgentemente levar uma estaca de madeira encravada no seu peito. Raiva! Ódio! Era isso que Telma sentia por ele. *Nojo! Asqueroso! Doente!*, pensou ela ao lembrar-se do rosto do Klaus e seu sorriso de satisfação por destruir uma vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Durante toda a tarde Telma ficou sentada lendo o livro *O Alquimista*, de Paulo Coelho, em voz alta, para que a sua irmã pudesse ouvi-la e acompanhar a história, mesmo que não se importasse. Lorena continuava ali, sentada em frente da televisão desligada, observando a sua silhueta refletida na tela. Porém, a leitura de Telma foi interrompida quando alguém bateu a porta do apartamento. Ela não sabia quem era, mas à medida que se aproximou da porta, imaginou que poderia ser a síndica. Ao abrí-la, viu que não era o que tinha acabado de pensar, e sim, o seu Nivaldo.

— Boa tarde, dona Telma!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa tarde, seu Nivaldo! — cumprimentou. Ela o conheceu pela primeira vez quando o encontrou no elevador durante o dia da mudança do apartamento havia seis meses. A conversa foi breve, como troca de nomes e apresentação formal. Ele era um senhor muito gentil, um pouco alto que ela, magro e usava óculos de grau bem grosso. Tinha mais cabelo, o que foi uma surpresa para ela, já que a maioria dos homens com essa idade tinha pouco ou quase nada de cabelos. O segundo encontro aconteceu durante a reunião de moradores no salão de festa para buscar a melhoria do prédio, da contratação da zeladora e outros assuntos pendentes em pauta. Foi nessa reunião que ela ficou sabendo sobre ele. Um viúvo que tinha dois filhos, mas que não os via fazia tempo, já que eles moravam muito longe daqui. Um dos seus filhos morava em Miami, na Flórida e o outro trabalhava na plataforma de Petróleo como engenheiro. À medida que o conhecia mais, ela percebeu que seu Nivaldo não gostava muito de ficar sozinho por muito tempo, costumava sair do apartamento e conhecer outros na vizinhança. Ele era gente boa, que zelava pelo bem-estar dos vizinhos, incluindo ela e sua irmã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vim aqui para ver se está tudo bem com você e sua irmã? — perguntou ele.

— Sim, nós estamos bem! — respondeu ela com a mão ainda segurando a porta. — Obrigada.

— Que bom!

— Entre, por favor!

— Eu não vou tomar muito seu tempo, só vim aqui para checar se está tudo bem. Não sei se você já sabe, mas só tem mais uma pessoa aqui além de nós. O resto está vazio. Quase abandonado.

— Sim, a síndica me falou. Falando nisso, era você que veio essa manhã na escadaria? — perguntou ela assim que lembrou daquela pessoa estranha na escadaria. Desejava que ele respondesse que sim.

— Essa manhã?

— Hum-hum...

Seu Nivaldo ficou pensando, provavelmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vasculhando algumas memórias sobre o que tinha feito nessa manhã. Pela expressão dele, parecia que não se recordava nada, tanto que balançou a cabeça como um não.

— Eu não saí do apartamento essa manhã. Deve ser a síndica.

— Eu pensei que era, mas não era — respondeu ela. — Eu pensei que poderia ser o senhor. Até chamei a atenção da pessoa, mas ela ou ele não me respondeu. Será que tem mais alguém aqui além de nós e a síndica?

— Pode ser que sim, talvez a pessoa tenha mudado de ideia e decidiu ficar aqui.

— É, acho que você está certo. Tem razão. Fiquei preocupada à toa depois que aquela pessoa desceu na escada.

— Fica tranquila que eu vou checar sobre isso.

— Quando souber dela, me informe. Assim eu vou ficar tranquila.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar que eu te aviso sim.

— Você sabe mais alguma coisa sobre a situação da enchente?

— Olha, eu ouvi no rádio dizendo que a chuva vai continuar até a próxima quarta-feira.

— Ah, não! — respondeu ela, agora mais preocupada do que nunca. — Então quer dizer que vai demorar muito para baixar o nível do rio, não é?

— Parece que sim. As três barragens das cidades vizinhas não conseguiram conter o grande volume do rio. Tiveram que abrir as comportas para liberar a água. A situação está bem crítica.

— Ai, meu Pai! — Ela não quis acreditar que estivesse acontecendo tudo isso. Fez o sinal da cruz. — Tomara que não piore mais do que já está.

— Temos que estar bem preparados para o que está por vir. Pode ser que normalize logo. Mas é sempre bom estar de prontidão. Se o rio subir mais e não tiver mais jeito de ficar aqui, o resgate do bombeiro virá nos buscar.

PERIGOSAS ACHERON

— É, mas espero que o nível não suba tanto assim.

— Também espero, minha filha. Também espero.

Seu Nivaldo viu a Lorena na sala. Ele a conhecia e até já tinha falado com ela uma vez, mas ela não lhe respondeu. Era como se ele não estivesse na frente dela. Ele estava a par da história dela, porque Telma contou tudo para ele durante a reunião dos moradores.

— Como está a sua irmã?

— Nada de novo. Continua a mesma como antes.

Ele sorriu apenas para me consolar.

— Seja um pouco mais paciente. Tenho certeza de que ela vai se recuperar brevemente — disse ele, e mesmo que tivesse dito a ela algumas vezes, ele não cansava nunca de dizer para ela não deixar de ser otimista. Telma sabia que não adiantava ouvir isso, de que tudo ficaria bem com sua irmã, que ela

PERIGOSAS ACHERON

vai melhorar logo, que tudo o que era horrível era apenas passageiro e que passaria logo. Lorena sempre se manteve assim por vários meses e nunca ia mudar. Em vez de discordá-lo, por ser pessimista, ela apenas sorriu e o agradeceu por ser uma pessoa gentil.

— Obrigada por ouvir isso. Fico grata pela sua preocupação com a minha irmã.

— Bom, vou indo agora. Qualquer coisa que precisar, estou lá, está bem?

— Pode deixar, seu Nivaldo. Obrigada!

— Tenha uma boa-tarde! — despediu ele, acenando antes de entrar pela porta de saída.

Ela retribuiu o aceno e fechou a porta logo em seguida. Ela balançou a cabeça, primeiro para a sua irmã na sala, com olhar fixo para a televisão, como uma estátua que não saía nunca do lugar. E depois pela enchente que tendia a aumentar ainda mais. Estar ilhada sem energia elétrica, com pouco recurso de água e alimentos para durar alguns dias, não seria uma tarefa fácil para Telma.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Telma pegou o maço de cigarros, tirando um deles e acendeu com seu isqueiro barato. Tragou a fumaça por dentro enquanto observava a chuva lá fora, com a paisagem tomada pela enchente. Era impressionante como o cenário de uma cidade bucólica cercada de vale verde, com ruas asfaltadas, transeuntes por todos os lados e carros em movimento se transformasse em um cenário de desastre da natureza num estalar de dedos. Viu alguns pássaros pousando nos telhados emergidos. Depois olhou para aquele mesmo telhado que viu antes, por onde o cachorro ficava. Continuava lá. Tremendo de frio e ofegante ao mesmo tempo. Enquanto fumava seu cigarro, ocorreu-lhe uma ideia que talvez pudesse funcionar e salvar a vida

daquele pobre cachorro. Assim que terminou de fumar, lançou o cigarro para fora e entrou no apartamento para buscar uma coisa que tinha em mente: Uma linguiça calabresa cujo prazo de validade estava perto de ser vencido.

Era melhor dar para o cachorro do que guardá-la e estragá-la. Cortou em dez pedaços, em rodela, e levou para a sacada. A parte mais difícil era conseguir lançar o mais longe possível de modo que chegasse ao telhado certo. O primeiro pedaço ela lançou, indo para o lugar errado, provavelmente pela correnteza de vento que desviou-o para outra direção. O segundo pedaço só chegou ao meio do caminho, mas fez um leve barulho ao atingir na água da enchente que chamou a atenção do cachorro, que virou a cabeça de lado rapidamente e viu a mulher na sacada. Ele balançou o rabo no ar, esperançoso achando que aquela mulher na sacada iria salvá-lo. Quem dera pudesse fazer alguma coisa para ajudá-lo. Ela fez a terceira tentativa e o pedaço de linguiça quase encostou no telhado, mas caiu na água.

O cachorro farejou algo apetitoso no ar e correu

para o local onde o pedaço de calabresa tinha caído. Ele tentou farejá-lo com o rabo balançando freneticamente porque morria de fome. Ela fez outra tentativa e a calabresa finalmente caiu em cima do telhado. O cachorro começou a procurá-lo, farejando euforicamente até que o encontrou. Abocanhou de uma vez por todas. Ela sorriu. Conseguiu alimentá-lo, mesmo com essa distância. Depois de algumas tentativas, somente os três pedaços chegaram ao telhado. O cachorro comeu e depois ficou procurando mais, achando que encontraria mais um pedaço. Infelizmente a linguiça calabresa acabou. Era tudo o que tinha. O cachorro ergueu a cabeça e olhou para a mulher da sacada, com seu rabo balançando.

— Desculpe, meu querido, acabou! — Ouviu ela lá em cima, na sacada.

O cachorro latiu para ela.

— Eu sei que você está com medo! Mas vamos torcer para que a chuva acabe logo e a enchente baixe logo.

Ele continuou latindo e começou a andar de um lado para o outro, procurando uma forma de sair dali e chegar a ela. Por pouco, ele quase saltou para fora, mas desistiu da ideia. O barulho da correnteza da enchente o assustou e fê-lo recuar para o meio do telhado, sentando e olhando para Telma na sacada e depois ela sumiu de sua vista voltando ao apartamento. O cachorro continuava abanando o rabo, ofegante e esperando que a mulher voltasse a aparecer novamente, com aqueles pedaços de linguiças. Mas ela não apareceu mais. Ele baixou a cabeça sobre as suas patinhas, sem tirar os olhos daquela sacada do prédio, esperando por ela. Apenas esperando.

Capítulo 7

Telma conversava com sua irmã sobre o cachorro no telhado. Por mais que ela contasse sobre ele, Lorena continuava na mesma posição de sempre, não dando mais atenção para Telma. Prestando atenção ou não, ela não deixou de conversar com sua irmã, por qualquer motivo que fosse, banal ou não. Porém, a sua conversa não estendeu muito quando Lorena começou a passar mal e vomitar bem na frente dela, para sua surpresa desagradável. Telma ficou puta de vida porque sobrou para ela limpar a sujeira que a irmã deixou e ainda tinha que trocar as roupas dela.

A raiva da Telma logo foi dissipada, voltando a acalmar pouco a pouco. Lorena não teve culpa. Ela

sofreu nas mãos daquele ex-marido louco. E como consequência, por parte dele, ela ficou assim. Colocou a mão no rosto dela, em um leve carinho. *Pobre irmã!*, pensou ela. Nem conseguia imaginar como ela deve ter sofrido horrores convivendo com ele todos os dias. Lorena nunca lhe contava sobre ele, do seu comportamento longe dos olhos dos amigos e conhecidos. Apenas uma vez, quando as duas conversavam pelo telefone. E foi aí que soube sobre a situação de Lorena em relação ao Klaus.

Ela foi buscar a toalha velha, produto de limpeza e uma vassoura para limpar o vômito. Teve que prender sua respiração por causa do forte odor e por pouco quase vomitou também. Terminando o serviço, guardou os materiais de limpeza de volta na área de serviço quando viu, pela janela, um homem com capa de chuva, com capuz, sentado no bote de pesca, remando com duas pás de madeira. Ele passava ali na rua submersa perto do prédio dela e parecia ignorar completamente o latido do cachorro no telhado. Será que ele não ouviu; ou se ouviu, não quis resgatá-lo?

Ela correu para a sacada e gritou para chamar a

PERIGOSAS NACIONAIS

atenção dele. Mas o moço com capuz ficou remando, cabisbaixo, preste a sumir da vista dela ao passar do lado do prédio. Gritou com todo o seu fôlego e finalmente ele virou o rosto para lado. Ela não podia ver o seu rosto, ocultado pela sombra do capuz que cobria a sua cabeça. Mas ela podia ver que ele a olhava. Apontou o dedo para o local onde estava o cachorro no telhado.

— Tem um cachorro ali! Você pode tirá-lo dali, pelo amor de Deus? — pediu em voz alta para ele lhe ouvir. Ela quase ficou rouca de tanto levantar a sua voz.

O moço virou o rosto para lado e viu o cachorro no telhado a dezenas de metros dele. O animal latia pela sua presença, eufórico. O moço então virou a cabeça para ela, e fez um sinal negativo.

— Como assim não vai pegá-lo?

O moço a ignorou e seguiu em frente.

— Seu maldito desgraçado! Volte! Por que não pode salvá-lo, seu babaca?

PERIGOSAS ACHERON

O moço do bote sumiu da vista dela.

— Vai embora, puta que pariu! Covarde! Nojento! Inútil! — berrou ela, emputecida.

Olhou para o cachorro, que olhava para ela na sacada, com seu rabo abanando. Sentado no meio do telhado, latindo. Ela balançou a cabeça, com as duas mãos coladas no rosto, aflita por vê-lo no telhado, agoniada por não poder fazer algo por ele. Sentiu-se imponente e seu coração ficou apertado de tanta dó dele.

Capítulo 8

Ela ferveu água usando uma chaleira e depois encheu na bacia grande, e com um pano, esfregava o corpo da Lorena, começando nos braços, nas axilas, depois para o pescoço dela, com filetes de água quente descendo pelo torso dela, de pele alva, cheia de sardas. E, em seguida, passou o pano no rosto, do pescoço e para os seios dela, que eram maiores do que os dela. E logo depois, para a parte íntima dela e esfregou as pernas dela. E feito isso, pegou a bacia inteira e jogou por cima do corpo da sua irmã, enxaguando todo seu corpo de uma vez por todas. Tirou-a do boxe do banheiro, secou o corpo dela com uma toalha limpa e a vestiu com roupas limpas, incluindo sutiã e calcinha. Terminando de vesti-la, levou-a para a cama e

preparou um lanche leve para ela, que era um simples sanduíche natural e um suco de laranja. No começo ela não queria comer, mas Telma obrigou-a, exigindo que ela colaborasse, pois se ela ficasse doente, não teria como levá-la ao pronto-socorro com a enchente lá fora. Lorena entendeu, para seu alívio. Mas os olhos de Lorena enchiam de lágrimas. Telma sabia que ela voltaria a chorar novamente. Depois do que ela passou, Lorena agora sofria depressão. Telma tentou-se acalmar para não estressar demais (aquele moço do bote foi o gatilho para despertar a raiva dela, de frustração por não poder fazer nada para salvar o pobre cachorro no telhado) e abraçou a sua irmã, dizendo que a amava, que juntas superariam tudo. Lorena parou de chorar e começou a comer o sanduíche.

Enquanto isso, Telma ficou observando-a, com seu coração ainda mais apertado. Amava demais a irmã. Ela não merecia passar por tudo isso, não mesmo. O sentimento de culpa permanecia atrelado a ela, por causa do seu segredo. Telma tinha um caso com Klaus. Por mais que ela esforçasse para livrá-lo, esquecê-lo e buscar a paz em si mesma, o sentimento não saía nunca de dentro dela. Ela traiu

PERIGOSAS NACIONAIS

a sua própria irmã. Por que ela fez isso? Ela não sabia. Telma era fraca, burra e se arrependeu amargamente por isso.

O caso aconteceu anos antes da Lorena quase ter sido morta pelo Klaus. Enquanto Lorena trabalhava na loja de grife no shopping, Telma e Klaus foram para o motel para *foder*, que tinha sido incrível e maravilhoso. Ela o conhecia desde que ele namorava Lorena, e sabia que ele não tirava olhos nela. Sabia que não seria o marido ideal, que era capaz de trair Lorena, mas não quis meter a vida pessoal entre os dois e preferiu não contar nada para ela.

Meses depois de namoro veio o casamento, que Telma achava cedo demais, mas Lorena, apaixonadamente cega por ele, não podia recusar o pedido dele. Era a chance dela de ser uma mulher feliz ao lado do homem mais lindo do mundo, que a tratava como uma princesa e fazia sexo, que a levava ao mundo das nuvens. Enquanto todos festejavam no salão de festas, com direito a comida, bolo e bebida, Telma, totalmente bêbada, entrou no banheiro masculino pensando que era o

PERIGOSAS ACHERON

feminino. Ao deparar-se com Klaus, percebeu que tinha entrado no banheiro errado. Ela pediu-lhe desculpas e tentou sair do banheiro, mas Klaus interveio e começou a seduzi-la. Ela não pensou melhor no seu ato e tomada pelo desejo febril, com o corpo trêmulo de excitação ao sentir o cheiro dele, o cheiro de um homem de verdade, colocou a mão na genitália dele, sentindo seu membro grande, duro e latejante. Klaus, louco de desejo, trancou a porta do banheiro e a despiu por completo, onde fez sexo oral nela. Telma gemia de prazer, seu corpo tremia, num misto de medo de ser pega em flagrante pela sua irmã e do prazer pela língua dele na sua genitália. Ela gozou, teve um orgasmo e fez Klaus sorrir de satisfação. Ela retribuiu, fazendo boquete até ele gozar. Feito isso, os dois se limparam e saíram do banheiro. Apenas um convidado sabia dos dois. Um amigo do Klaus, que jurou não contar para ninguém.

Um fato que Telma e nem Lorena podiam negar era que Klaus era bom no sexo. Sabia perfeitamente como deixar uma mulher excitada e fazê-la gozar melhor do que ninguém. Porém, ele era um cafajeste, que não respeitou sua mulher após o

casamento. E nem antes. Se ele foi capaz de seduzi-la e comer Telma, era óbvio que fez com outras. Mas, naquela época, Telma não conhecia o lado sombrio do Klaus, que futuramente mataria a sua irmã. Se ela soubesse a verdadeira face do mal do amante, de tudo o que sua irmã lhe contou sobre como ele a tratava, de como a machucava, o estômago dela embrulharia de tanto nojo dele. *Por que eu fui cair na lábia dele, tão sedutor, belo e forte?*, pensou ela. Klaus lhe tratava como se fosse a pessoa mais especial do mundo, elogiava sua beleza, a sua boceta, falava tudo o que ela realmente queria ouvir de verdade, mas ela, burra e cega, não enxergava que ele se aproveitava da sua fragilidade e queria apenas lhe foder. Queria apenas a sua *xota* e não seu *coração*.

Mesmo assim, ela voltou a transar com Klaus. Era a quinta vez que os dois se encontravam. Depois que fizeram sexo no motel, ele a levou para a sua antiga casa e em vez de beijá-la antes de ir embora, ele simplesmente deixou-a ali e foi embora sem sequer dizer uma palavra. Tratava-a como se fosse uma puta qualquer deixada ali mesmo na rua. Ela sentiu-se mal por isso. Arrependeu-se por ter

feito sexo novamente com ele, traindo sua própria irmã. *Por que eu ainda insisto em me encontrar com ele e fazer sexo? Meu Deus! Como eu pude fazer isso com minha irmã?* Ela sabia perfeitamente que perdia a sua razão quando ficava com ele porque o seu tesão falava mais alto. Depois do sexo, veio a culpa, a vergonha, num misto de sentimentos desagradáveis que a deixou agoniada por alguns dias, muitas noites maldormidas pela consciência pesada, tanto que não conseguiu visitar a casa da sua irmã por vários meses. Não por causa dela, mas pelo Klaus. Não teria coragem de vê-lo novamente. Nem podia resistir quando o via sem camisa, com gotas de suor descendo no corpo dele enquanto segurava uma lata de cerveja e fazia churrasco. O short curto revelando suas coxas grossas, pernas fortes, tudo isso a deixava excitada e não podia resistir estando perto dele. Ela ficava louca nesse tipo de homem. Um macho deliciosamente rústico, porém pobre no espírito e frio no coração.

Lorena estranhou o comportamento dela, por ela não ter visitado a casa dela por tanto tempo, e ela foi lhe visitar, preocupada, para saber o que

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu com a irmã caçula. Lorena perguntou o porquê ela ficou tão afastada dela, e Telma respondeu que estivera ocupada e por isso ficou muito cansada. Não podia contar a verdade logo de cara para a sua irmã mais velha. Não sabia o que Lorena seria capaz de fazer quando soubesse dessa verdade. Agora, depois que Lorena foi quase foi morta por Klaus, a sua aproximação com ela tornou-se mais forte, mais unida, mesmo passando por maus momentos, com o seu segredo lhe corroendo.

Demorou muito para Telma entender por que Klaus fez isso com ela, brincando com seus sentimentos para depois jogá-la no lixo. Quando aconteceu com a sua irmã, quase sendo morta por ele, ela finalmente entendeu. Ele era um homem doente, desprovido de qualquer sentimento e empatia: um sociopata. Para os olhos dos amigos e colegas de trabalho, ele podia aparentar ser um cara simpático, divertido, brincalhão, bom de papo, de bem com a vida, com autoestima elevada, sedutor, atraente, tudo de bom, mas era tudo uma fachada. Por trás da máscara dele, ele tinha uma intenção sombria, onde os fins justificam os meios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Telma tinha lido um livro sobre esse tipo de desvio de conduta moral. O livro em questão foi *Mentes Perigosas, O Psicopata Mora ao Lado*, da autora Ana Beatriz Barbosa Silva. Cada página que leu, mais pensava no Klaus, na sua ausência de sentimento, na sua capacidade de seduzir as pessoas com facilidade, e quanto mais lia os depoimentos das vítimas, mais ficava estarecida, agradecendo a Deus por estar viva e livre daquele maníaco louco homicida.

Desde então ela e sua irmã ficaram longe dele, cortando qualquer tipo de contato que tinham, até mesmo os amigos próximos a ele. Quanto mais se mantinham longe dele, melhor. Telma foi informada, segundo o livro, que um parasita nunca desistiria da sua vítima, mesmo passando alguns dias ou anos. O predador sempre rodeará a vítima até alcançar seu objetivo.

Para Telma, a ideia de Klaus observando seus movimentos, mesmo estando longe, aterrorizava-lhe. Tanto que, naquela época, depois do que aconteceu com Lorena, as duas mudaram para esse prédio. O aluguel do apartamento era um pouco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais caro, mas isso lhes garantiria mais segurança. Mesmo não tendo nenhum emprego fixo, Telma tinha renda mensal. Tinha uma casa no litoral, que pertencia aos seus pais, e ficava numa localização privilegiada e em frente ao mar. Como seus pais morreram há muito tempo, as duas decidiram alugar a casa por temporada e o dinheiro era dividido para ambas. Elas não tinham nenhum interesse de morar no litoral por um bom motivo. A casa trazia muitas lembranças e isso traria uma saudade dolorosa para aqueles que não estavam mais entre as duas. O valor da temporada era alto, justamente por causa da casa em frente ao mar, o mais procurado. Quando era alta temporada, entre novembro e março, por causa do verão, o valor subia mais. Elas lucravam muito com isso e, graças a isso, tinham bastante dinheiro nas poupanças. O suficiente para ter uma vida mais tranquila. Dava para pagar o apartamento, a conta de luz e ainda sobrava para comprar comida. Uma coisa que Telma achava absurdo era o plano de saúde para as duas. Era caro demais, muito longe da realidade brasileira. O Brasil não era um lugar fácil para qualquer estrangeiro que pretendia morar aqui. Impostos demais, poucos salários para cidadão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comum e trabalhador com 40 horas semanais enquanto os políticos, com poucas horas trabalhadas ou quase, recebia um grande salário, e ainda aumentando, e mais, para a revolta do povo brasileiro. Eles vivem coçando os pentelhos e usufruindo comidas refinadas e bebidas caríssimas sem trabalhar nada para a melhoria do país e ainda tem a maior cara de pau de desviar o dinheiro para contas no exterior.

Ela parou de pensar sobre essas pragas políticas. De nada adiantaria amaldiçoar aos políticos imprestáveis, do ex-marido sociopata, de todas as coisas ruins acontecendo, isso só iria fazê-la senti-la ainda mais mal. Preferiu esquecer tudo isso e pensar em outra coisa.

Preparou um lanche bem leve para Lorena, precisava alimentá-la. Depois voltou para a cama, fechando os olhos. Suspirou vendo-a dormir, cansada demais para cuidá-la, com sua preocupação excessiva. Ela não se lembrava mais quando foi a última vez que teve uma vida social, de fazer algo bom apenas para ela. Nem mesmo tinha um namorado e já fazia um bom tempo que não fazia

PERIGOSAS ACHERON

sexo. Sentia-se mais como uma freira no meio do fim do mundo. Mas não podia ser egoísta, não nesse momento, quando sua irmã mais precisava dela. Ela tinha que cuidar dela. Porque Lorena era a única família que tinha em sua vida nessa cidade. Parentes até tinham, mas não tão próximos como ela gostaria, porém há anos que não os viam mais. E como não moravam nessa cidade, os contatos eram apenas por telefones.

Capítulo 9

Telma não imaginava que a falta de energia elétrica iria lhe fazer tanta falta com televisão, internet, micro-ondas, chuveiro quente, carregar bateria do notebook. Tinha a sensação de que ela voltou no tempo antes da invenção da eletricidade. Ficou tão entediada que teve que fazer alguma coisa para se distrair, para não enlouquecer no apartamento. Enquanto sua irmã dormia, ela decidiu subir até o topo para ver melhor como estava a situação da cidade.

Subiu a escada trazendo um guarda-chuva, já que ainda chovia lá fora, mesmo sendo fraca. Levou alguns minutos para chegar ao último andar, algo que não se acostumou, pois nunca foi fã no

esporte. Sentia falta do elevador. A síndica morava no apartamento de frente para a rua, no final do andar, a sortuda tinha o privilégio de ter a melhor vista da paisagem. Além do apartamento e mais os três desocupados, havia uma porta que levava ao terraço do prédio. Entrou e subiu, morrendo de curiosidade. Nunca tinha pisado naquele lugar depois que se mudou para o apartamento. Era a chance de aproveitar e ver o que a visão da cidade podia lhe proporcionar.

O terraço era bem amplo, havia uma grande antena parabólica instalada no meio, duas grandes caixas de águas, varal vazio e piso de concreto cheio de poças de água. Ela aproximou-se no parapeito do terraço e ficou impressionada pelo que viu na sua frente. O cenário da cidade quase totalmente submersa. Podia ver algumas pessoas vivendo nos prédios altos enquanto na parte inferior dos mesmos ficavam submersos assim como o dela. As ruas praticamente não existiam mais. As casas que iam até o segundo andar foram engolidas pela água enlameada, deixando apenas um pedaço de telhado sobrando para fora da água e outros nem tanto. Era triste ver como as pessoas perderam suas

casas, seus móveis, seus pertences pessoais que tanto lutaram para conseguir juntando grana. Os mais pobres eram os mais prejudicados. Andou para o outro lado próximo ao parapeito, para ver melhor a situação da cidade. A cada lado que viu, mais lhe impressionou. A enchente podia ser vista até no fim de horizonte. A esta altura, helicópteros traziam repórteres para filmar esses cenários de calamidades e exibir em redes nacionais, ao vivo ou não. Depois, olhou para baixo e procurou o cachorro no telhado, porém não o viu mais. Ela ficou preocupada pelo sumiço dele. Procurou-o ao redor do telhado, e além dele. Não o viu mais. *Será que ele desistiu de ficar ali e saltou para a água, nadando para algum lugar? Será que ele está vivo?* Sentiu um aperto no coração. Ele nem era o cachorro dela, mas sentiu como se fosse. Encheu os olhos de lágrimas. Ela não podia acreditar que ia chorar por causa daquele bichinho. Tinha se apegado tanto nele. Porém, a sua tristeza dissipou quando viu a cabeça do cachorro surgir pelo buraco do telhado. Ficava dentro, sob o telhado, para se proteger da chuva. Ah, como era danado de inteligente! Ela começou a rir. Estava feliz demais por ele estar bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não durou menos que dez minutos que ficou no terraço quando o céu começou a escurecer e ouviu um trovão. Vinha mais uma tempestade. *Ah, meu Deus! Até quando a chuva vai dar trégua para nós, pobres meros mortais?* Sentiu o vento soprar cada vez mais forte, quase conseguindo arrancar seu guarda-chuva. Olhou para o céu, as nuvens negras carregadas bem em cima do prédio e, então, viu o relâmpago. Ela se assustou e saiu correndo do terraço com medo de ser atingida pelo raio.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Após descer do terraço e chegar no andar onde morava a síndica, Telma fechou o seu guarda-chuva molhado, que pingava no piso. Podia ouvir o barulho da chuva ficando cada vez mais forte. O trovão ecoava muito lá fora. Enquanto andava pelo hall, indo em direção à porta de emergência, ouviu as batidas da porta várias vezes. Ao virar o rosto para a origem dos barulhos, viu a porta do apartamento da síndica aberta, mas que mexia de um lado para o outro levemente pela correnteza de vento que vinha lá de dentro. Ela tinha deixado a porta aberta. Antes de descer para o seu apartamento, ela aproveitou para conversar com a síndica mesmo sabendo que ela não era uma pessoa muito agradável, mas não custava tentar. Ficou

parada na frente da porta, chamando o nome dela. Ela não lhe respondeu. A síndica nunca deixaria a porta aberta para sair, mesmo o prédio estando quase vazio. Chamou-a mais uma vez. Segundos depois, nenhuma resposta dela. Suspirou e ficou na dúvida se devia entrar no apartamento dela sem ser convidada. Não queria parecer uma invasora. Mas, como ela não retornou, pensou que não faria mal entrar ali e ver como ela estava. Deixou o guarda-chuva encostado ao lado da porta para não sujar o apartamento dela e entrou. O lugar era incrivelmente bonito e decorado, muitos espelhos e, no fundo, uma porta de vidro aberta que levava para a sacada, onde podia ver a cidade submersa sob a forte chuva e dos relâmpagos. Embora o lugar ficasse um pouco escuro, as luzes dos relâmpagos facilitaram-na muito para ver o interior do apartamento. Havia muitos objetos decorativos por todos os lados, provavelmente uma colecionadora de artes. Enquanto observava o lugar, chamou o nome dela novamente. Nenhuma resposta dela.

A chuva entrava pela sala e, para evitar um estrago maior, ela fechou a porta da sacada. Mais um trovão ecoou em cima do prédio. Percorreu a

sala, vendo os móveis dela, todos elegantes, e depois para a cozinha, com algumas louças sujas na pia. Depois foi para o corredor que levava para os quartos e banheiro. Percorreu devagar ali para não surpreender ninguém e tampouco assustar a síndica. A situação ficava cada vez mais assustadora, com ela dentro do apartamento que não era dela.

Viu a porta aberta, que poderia ser o quarto da síndica. Chegou até a porta e a primeira coisa que chamou a sua atenção foi a síndica deitada de costas na cama. Seus olhos, abertos, e a língua pendendo para fora da boca. Aconteceu algo horrível com ela. Ela correu para ajudá-la. Mas era tarde demais. *Ela estava morta.* Sentiu sua pele dura e gelada. Estava morta fazia algumas horas. Viu hematomas roxos no seu pescoço. Era muito fácil para Telma reconhecer essa marca. Ela foi estrangulada até a morte. Lorena tinha a mesma marca quando Klaus tentou matá-la. Telma afastou-se do corpo da síndica quando lhe ocorreu algo à mente.

Klaus está aqui.

Ele conseguiu entrar no prédio, mas não sabia como fez isso. O coração dela acelerou ao lembrar da sua irmã sozinha no quarto. *Meu Deus!* Ela saiu do quarto da mulher, apavorada. Nem quis gritar para não correr o risco de chamar atenção do Klaus. Mesmo com as pernas tremendo e quase sem forças, ela conseguiu sair do apartamento e entrou pela porta de emergência.

A escadaria, escura como breu, era clareada pelas luzes dos relâmpagos. Ela desceu totalmente trêmula e, como ficou desorientada pela sensação do pânico, pisou errado no degrau e tropeçou acidentalmente. Caiu na escada, rolando e só parou alguns degraus depois, com arranhões e lesões nos braços e pernas. Ao ver a plaquinha na parede, que indicava o décimo primeiro andar, lembrou do seu Nivaldo. Mesmo sendo um senhor, ele era um policial aposentado e, pela experiência aos longos dos anos, soubesse como resolver a situação. Levantou-se, gemendo de dor e mancou até chegar ao apartamento do seu Nivaldo. Não lembrava em qual apartamento ele residia. Bateu em cada uma das portas. Nenhum apareceu. Bateu novamente nas portas e nem sinal de vida do seu Nivaldo. *Meu*

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus! Muito assustada, ela cogitou a possibilidade de que ele também fora assassinado assim como aconteceu com a síndica. *Não, Deus! Isso não pode estar acontecendo comigo!* Começou a chorar, sentindo muito medo. Nunca tinha sentido um medo tão grande como agora. Ele está no prédio. Ele matou a síndica. Ele matou um policial aposentado. Ele está sedento de vingança e quer matar sua irmã e depois ela. Ela ficou acuada, sem ideia de como se defender. Lembrou-se do celular na sala do apartamento dela. Precisava dele para chamar a polícia. Mas de nada adiantaria chamar a polícia com essa enchente? Daria tempo da polícia chegar com o Klaus solto, no prédio, escondido em algum lugar, esperando o momento certo para pegá-la e matá-la? *Não*, pensou ela. *Não daria tempo.* Ela precisava agir o mais rápido possível. Sua irmã corria perigo. Tinha que chegar ao apartamento e protegê-la. Com as mãos e pernas ainda tremendo muito, ela fez um esforço para seguir em frente e descer a escada. Rezava a Deus para que nada acontecesse com sua irmã e nem com ela. Não queria morrer. Não agora. Não tão cedo, não nas mãos do Klaus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Ela chegou ofegante até a porta do seu apartamento. Quando colocou a mão na maçaneta da porta, viu que a mesma havia sido aberta. Ela não lembrava se tinha deixado destrancada. Mas jurava que sim. Abriu a porta temendo que Klaus estivesse no apartamento. *Mas como ele poderia saber que era ali que morava junto com a sua irmã? Como ele poderia saber que moravam nesse prédio? Ele as seguiu sem elas saber? Ele perguntou para porteiro onde elas moram?* Era tudo o que ela pensava enquanto abria a porta lentamente. Embora a sala estivesse um pouco escura, havia pouca claridade que vinha pela porta da sacada, o suficiente para ela enxergar se havia alguém na sala ou não. Mas não. Apenas ela. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

entrou logo em seguida e fechou a porta, trancando-a. Temia que Klaus estivesse vindo atrás dela e torcia para que ele não estivesse dentro do apartamento. Olhou rapidamente para a cozinha, e nem sinal de alguém. Caminhou apressadamente para o quarto para ver a sua irmã na cama. Quando chegou lá, viu um homem deitado em cima da sua irmã, esfaqueando-a várias vezes com um facão. Havia sangue nas suas roupas, depois viu o corpo da Lorena toda ensanguentada, a cama encharcada de sangue que ia até no chão. Os olhos dela abertos, boca entreaberta por onde saía um filete de sangue.

O homem que matou a sua irmã era Klaus. O seu ex-amante. Ele conseguiu o que tanto queria: matá-la.

Telma ficou boquiaberta, incrédula com o que acabou de ver. *Minha irmã está morta.* Ele a matou.

Achava que poderia protegê-la do Klaus, mas era tarde demais. Ele entrou no apartamento e a matou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não... — falou baixinho, fraca demais para gritar. Seus olhos encheram-se de lágrimas. As suas mãos e pernas tremiam. Não! Não!

“Ela está morta, Telma!” , dizia uma voz na sua mente.

Não! Não!

Ele a matou. O filho da puta matou a sua irmã!

Telma conseguiu gritar, com toda a sua força.

— NÃÃÃÃÃÃO!

Klaus ficou olhando para ela, com seu rosto respingado de sangue. Seus olhos azuis-claros fitavam os dela, tomados de ódio e loucura. Ele sabia o que tinha feito e sorriu satisfeito. Segurava a faca no ar, como se estivesse estático, enquanto olhava para ela. O sangue da ponta da lâmina da faca pingava, um por um, vermelho, sobre o corpo de Lorena.

Ela está morta, Telma! Você é a próxima.

PERIGOSAS ACHERON

O coração da Telma disparou descompassadamente, a ponto de doer. Ela pensou que ia infartar nesse exato momento. Queria ter morrido agora para estar com a sua irmã. Klaus tirou a única família que ela tinha.

Agora ele vai te matar, Telma! A voz da consciência a alertou. Telma viu Klaus mexer seu corpo, preste a sair da cama. Ela reagiu, saindo do quarto, correndo. Podia ouvir os passos apressados dele atrás dela, a ponta da faca ensanguentada em direção da suas costas, para cravá-la bem fundo. Ela correu, mesmo na sala quase escura, mas os clarões de raios colaboravam, permitindo-lhe visualizar o que encontrava na sua frente. Abriu a porta, tentando destrancá-la. Porém, ele chegou rápido até ela, com o braço enlaçando no pescoço dela, pronto para aplicar um mata-leão nela. Ela sentiu o braço dele pressionando seu pescoço e sabia o que pretendia fazer com ela. Ela cravou suas unhas na pele do braço dele, sendo que algumas delas quebraram na tentativa de penetrá-lo. Ele sentiu a dor e afrouxou o pescoço dela, mas não foi suficiente para largá-la. Ela abocanhou no mesmo braço ferido pelas cravadas das unhas,

sangrando. Com os dentes, morderam com força na carne do braço e arrancou um pedaço, fazendo-o largá-la e afastá-la aos berros de dor. O sangue sangrava profusamente. Ela agiu rapidamente em direção a ele, empurrando com suas mãos contra o peito dele, que caiu de costas para atrás, atingindo o chão. Mesmo atordoada, ela teve tempo de destrancar a porta e saiu, entrando para a escadaria.

— Filha da puta! Você está morta!

Ela sabia que não tinha como descer, por causa da água enlameada que bloqueou a entrada, que levava ao saguão ou à garagem. A chance que tinha era subir, e procurar um lugar para se esconder. A mão agarrou uma das pernas da Telma e a puxou para trás, fazendo o corpo dela ser lançado para frente e atingir os degraus da escada. O impacto a fez gritar de dor. Sentiu a mão dele agarrando sua blusa e ela reagiu com força junto com o seu grito. O grito era seu aliado, o grito lhe fazia sentir forte, e também para chamar atenção de alguém, para lhe salvar. Ela virou o corpo e viu Klaus com seu rosto tomado de fúria colérica, rangendo os dentes e olhos arregalados de tanto ódio. A faca avançava

em direção dela, que teve tempo de segurar o braço dele com as duas mãos, impedindo que a ferisse, mas ele era forte e bem corpulento e ela gritava com todo o seu fôlego na esperança de que alguém lhe salvasse. Mas ninguém apareceu. A síndica estava morta. O seu Nivaldo estava morto, provavelmente. Apenas a vítima e o algoz nesse prédio ilhado.

Quando Klaus ficou em cima dela, com suas pernas abertas, ela não perdeu tempo e deu uma joelhada nos testículos dele, que fê-lo urrar de dor. Depois mordeu o braço dele, que segurava a faca, e arrancou um pedaço de carne. Ele urrou de dor e soltou a faca involuntariamente. Ela pegou-a e deu um golpe em direção ao seu rosto. Ele reagiu. Ela não sabia se a faca o atingiu ou não, mas foi o suficiente para fazê-lo recuar em cima dela e cair rolando abaixo da escada. Ele ficou ali quieto, não sabia se morreu, se ficou inconsciente, mas ela não quis correr risco de ficar ali por muito tempo. Foi então que viu a luz da lanterna de alguém vindo em sua direção. Telma ficou feliz, aliviada. Ela subiu a escada e, ao chegar no próximo andar onde estava a pessoa que segurava a lanterna, ela viu seu Nivaldo

PERIGOSAS NACIONAIS

com a arma na mão, apontada para ela.

— Sou eu, seu Nivaldo! Sou eu! — ela disse, com as mãos para cima para mostrar enquanto ele apontava a luz no seu rosto familiar, porém estampada de medo e do horror.

— Telma?

— Tem um homem lá em baixo, que tentou me matar.

— O quê?

— Ele matou a minha irmã.

— Você está bem? Está machucada?

— Eu estou com medo! Temos que ir para o seu apartamento, senhor. Temos que nos proteger.

— Fique calma, querida. Vai lá no meu apartamento e fique lá que eu vou checar o homem.

— Não faça isso, senhor!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Querida, olhe para mim. Eu sou policial, estou com a arma. Ele não seria burro se tentar avançar em cima. Não se preocupe. Fique lá, está bem?

Mal ele pediu quando ouviram o grito dele:

— SUA VAGABUNDA! EU VOU TE MATAR, FILHA DA PUTA!

Ela estremeceu toda com o berro dele, que acabou criando um eco assustador na escadaria. Pegou o braço do seu Nivaldo e o puxou-o para subirem até o apartamento dele. Ele podia ser um policial experiente, mas Telma não queria que algo acontecesse com ele e acabar sozinha no prédio com um louco atrás dela, sedento de raiva. Ela não podia nem imaginar o que ele faria com ela se fosse pega.

Entraram no apartamento do seu Nivaldo todo iluminado pelas luzes das velas espalhadas em todos os cômodos. Era a primeira vez que ela entrou no apartamento dele. Seu Nivaldo fechou a porta e a trancou, mas sem largar a arma da mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fique calma, Telma. Você vai ficar segura aqui.

— O que vamos fazer com esse louco dentro do prédio? O maldito desgraçado matou a minha irmã.

Seu Nivaldo a olhou com ar de lamento, balançando a cabeça negativamente pelo destino da irmã dela.

— Eu sinto muito pela sua irmã.

Ela foi até o sofá e sentou para então cair copiosamente no choro. Não conseguia tirar a imagem do corpo ensanguentado da sua irmã. *Pobre irmã! Que Deus a tenha!*

O choro e a tranquilidade do apartamento do seu Nivaldo foram interrompidos pela batida brusca da porta. Atrás da porta, Klaus puxou a maçaneta várias vezes para entrar no apartamento, mas não conseguiu abri-la. Seu Nivaldo ficou em posição defensiva, com a arma apontada diretamente para a porta, com o dedo já no gatilho, pronto para disparar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— ABRA A PORTA, SUA MALDITA DESGRAÇADA! — ele gritou e depois chutou a porta. O barulho foi grande que assustou os dois.

— Fique longe da porta! — disse seu Nivaldo, em voz alta. — Estou com uma arma apontada para você.

Ele bateu a porta com força, tentando derrubá-la a qualquer custo.

— Não me faça repetir isso de novo. Fique longe da porta ou eu vou atirar em você agora mesmo!

De repente, o barulho cessou imediatamente. Klaus parou de chutar a porta. Seu Nivaldo ficou parado ali por um tempo, ainda com a arma apontada para a porta. Foi então que os dois ouviram os passos dele se afastando da porta, e depois desceu na escadaria.

— Ele vai voltar! Ele nunca vai desistir de mim! — disse Telma, sentindo o corpo tremendo de medo. O coração ainda não parava de disparar de tanto pavor que sentiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Como você pode ter certeza? — perguntou, sério. Ele ficou todo tenso, com a arma ainda na mão.

— Porque eu o conheço, seu Nivaldo. Ele era o ex-marido da minha irmã. Foi por causa dele que a minha irmã ficou daquele jeito. Ele queria matá-la e conseguiu. Matou a minha irmã. Ele matou a minha irmã! Ah, Deus! Não posso acreditar que a minha irmãzinha está morta.

Seu Nivaldo foi sentar com ela, colocou o braço dele em torno dela e a abraçou. Era tudo o que ele podia dar para que ela se sentisse um pouco melhor apesar de tudo.

— Eu sinto muito, Telma!

Ela chorou no ombro dele.

Depois do choro e do soluço, ela começou a sentir-se um pouco melhor. Seu Nivaldo foi buscar algo na cozinha para ela e não demorou muito quando veio com um copo de água.

— Tome um pouco! Coloquei um pouco de calmante na água para você sentir-se melhor. Gritar não vai adiantar muito. Já entrei em contato com a polícia e vai chegar aqui daqui em pouco.

— Chamou a polícia?

— Sim.

— Mas como conseguiu chamá-lo? Não temos energia aqui no prédio.

— Eu tenho rádio de polícia. Eu posso ser aposentado, mas tenho meu recurso em caso de uma emergência como essa.

— Que bom saber disso!

— Tome um pouco e logo vai ficar tudo bem! Aqui você vai ficar segura.

Ela assentiu e tomou toda a água do copo até esvaziá-lo. Sentiu o gosto diferente por causa do remédio de calmante. Devolveu o copo para ele e o agradeceu. Viu-o sorrir gentilmente para ela e depois se afastou dela. Viu a arma presa na cintura

PERIGOSAS ACHERON

da suas costas. As luzes das velas da sala causavam um efeito tranquilizante enquanto ouvia o barulho da chuva lá fora. Os trovões ainda ecoavam. Olhou para o seu Nivaldo voltar para a sala depois de deixar o copo na cozinha e o viu lhe observar. Parado ali por um tempo, olhando para ela. Os olhos dela ficaram sonolentos. Seu Nivaldo percebeu que ela ficou meio grogue, com o corpo quase preste a cair ao lado do sofá. O remédio surtiu efeito nela. Ele começou a andar em direção à porta de saída.

— Para onde vai, senhor? — perguntou Telma, com a voz baixa, quase deixando o seu corpo pendendo para o lado, sem força para se levantar. Estava muito mole, muito sonolenta. — Não abra, pelo amor de Deus! Não faça...

Ele ignorou o pedido dela e abriu a porta. Viu Klaus entrar. Telma pensou que ele atacaria o seu Nivaldo, mas não foi isso que aconteceu. Os dois apenas olhavam-na, observando-a e depois olhavam um ao outro. Os dois começaram a conversar. Ela conseguiu ouvir o que seu ex-amante disse para o seu Nivaldo, antes dela cair

PERIGOSAS NACIONAIS

deitada no sofá:

— Por um momento, eu achei que você fosse atirar em mim de verdade, pai!

E a escuridão tomou conta dela, que adormeceu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Telma abriu os olhos e não sabia por quanto tempo dormiu. O remédio continuava fazendo efeito nela, porém ia perdendo o efeito pouco a pouco. Ela via na sua frente o cenário embaraçado e sentiu alguém fazendo *algo* com ela. Sentiu-se nua, deitada na cama. Aos poucos reparou que era o quarto que não era dela, mas de alguém, iluminado pelas luzes das velas: o quarto do seu Nivaldo.

Assim que a visão embaraçada retomou a sua normalidade, ela viu o homem em cima dela. Seu ex-amante. Klaus. Um dos braços dele, que foi onde ela arrancou um pedaço de carne na tentativa de livrá-lo para fugir, estava enfaixado por uma atadura crepom. Ele estava nu, gemendo. Ela

entrou em desespero, começando a chorar. Queria gritar, mas por estar tão *grogue* não sabia se tinha gritado ou não. Após o ato consumado, ele riu dela por um segundo, sentindo a sensação de prazer que percorria seu corpo e logo em seguida a sua face foi tomada pelo ódio, dando um tapa bem forte na cara dela e depois saiu da cama. Ela sentiu o rosto arder pela palmada que levou e chorou, de vergonha, de repulsa por ter sido tocada por ele, por sentir-se suja.

Porém, o pior pesadelo ainda não passou. Seu Nivaldo veio até ela, totalmente nu, e ao contrário daquele homem gentil e carinhoso que Telma achava que conhecia, agora ele se revelava um ser asqueroso e violento. Ele debruçou em cima dela, com sua barriga saliente e flácida sobre a dela e, então, ele meteu tudo de uma vez sem dó dentro dela, com a mão dele cobrindo a boca dela para não gritar mais. Ela chorou mais ainda. A humilhação, a raiva e o ódio cresceram dentro dela. Seu Nivaldo parou de se mexer e ela pensou que ele tinha desistido ou gozado rápido, mas, na verdade, ele queria tentar outra posição. Ele fê-la virar o seu corpo e pegou a bunda dela, mexendo as nádegas,

batendo-as algumas vezes. Ela sabia o que ele pretendia fazer e entrou em pânico.

— Não! Não! Não! Não faça isso comigo! Pelo amor de Deus, não!

A súplica dela era inútil. Ele nem deu ouvidos para ela. A dor que sentiu *naquele momento* era tão grande que desmaiou.

Capítulo 13

Telma acordou ao ouvir o trovão. Ainda chovia muito lá fora. Ela viu que ainda permanecia na cama, sozinha no quarto do seu Nivaldo. As luzes das velas continuavam acesas. Procurou por eles no quarto, mas não os viu. Provavelmente, eles deveriam estar na sala. Depois olhou para o seu corpo nu. Ela lembrou o que tinha acontecido. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Lembrou que o seu Nivaldo tinha chamado a polícia, mas sabia que ela não viria. Ele mentiu para ela. Enganou-a. Ele protegia o filhinho dele. Maldito velho desgraçado! Sentiu a raiva tomar conta dela.

— Você mereceu e ainda acho isso muito pouco! — ela ouviu a voz feminina no quarto.

Olhou para lado e viu a sua irmã. Lorena estava viva, mas possuía um aspecto horrível demais para Telma continuar olhando para ela. Seu rosto cheio de cortes pela faca que o ex-marido fez com ela. Seu pijama branco totalmente manchado de sangue. Havia ferimentos graves nos seus braços. Não, ela não podia estar viva. Telma tinha certeza de que via coisa que não existia. Lorena não era real. A cabeça dela pregava uma peça irreal, obrigando-a a ver sua irmã morta-viva.

— Por que diz isso? — perguntou, com a sua voz rouca, tomada pelo sentimento da tristeza.

— Você teve um caso com o meu marido. Você, minha irmãzinha caçula, fodendo o meu marido, sua maldita desgraçada!

— Perdoe-me! Não queria ter feito disso. Ele me seduziu.

— Querida, nós sabemos que ele é tão charmoso e irresistível, mas isso não quer dizer que você devia cair na cama com ele. Deveria ter negado a investida dele. Agora você merece isso. E

quero que você sofra isso, mais e mais. Tomara que eles voltem logo e fodam você até não aguentar mais, sua maldita traidora!

— Perdoe-me! — Telma chorou como uma condenada. O aperto do coração, da sua alma sendo comprimida, tudo isso a machucava. Fechou os olhos na esperança de que sua irmã morta-viva saísse da cena. Não queria mais vê-la novamente. Abriu os olhos e não a viu mais. Ficou soluçando, pensando no que ela devia fazer agora. Olhou para o quarto, as cortinas fechadas da janela, o armário, alguma coisa que pudesse ajudá-la a sair daqui e pedir socorro. Conseguiu ouvir as vozes deles que vinham lá na sala. Eles gargalhavam. *Maldita família psicopata!*

Ela fez um esforço para sair da cama. Viu suas roupas jogadas no chão. Recolheu-as e começou a vestir enquanto ouvia as conversas deles. À medida que se vestia, mais pensava sobre como o seu ex-amante chegou nesse prédio durante a enchente. Imaginou que Klaus provavelmente esteve no prédio muito antes da enchente, que esteve no apartamento do pai dele sem que ela e sua irmã

percebessem a presença dele. A morte da mulher dele era mentira? Os dois filhos crescidos que moravam de longe também era mentira? Seu Nivaldo mudou para esse prédio a pedido do filho dele, por causa da Lorena? Ela não sabia quem teve a ideia de ficar perto da sua irmã até conseguir matá-la. Custava acreditar que seu Nivaldo era um homem desprezível. Agora fazia todo sentido para ela que o filho dele foi solto cedo por causa do pai, por ser policial. Seu Nivaldo conhecia alguém da delegacia que liberou seu filho. Maldito seja, Brasil, e seu esquema criminoso! Ela começou a sentir nojo só de pensar no que eles fizeram. Horror era tudo o que ela sentia.

Após vestir sua roupa, começou a andar descalça até a porta e podia ver as sombras deles projetarem nas paredes. Os dois ficavam perto da sacada, gesticulando muito. Eles falavam sobre as mulheres com quem fizeram sexo e achavam graça como elas choravam e gritavam durante os atos deploráveis. *Não posso ouvir isso! Malditos nojentos!*

Ela viu a arma colocada em cima da mesa de

vidro. A mesma arma que seu Nivaldo segurava e apontava para o filho dele do outro lado da porta. Era a sua chance. Não queria perder seu tempo ali. Tinha que agir o mais rápido possível.

— Você não vai conseguir pegá-la, sua tolinha!
— Ouviu sua irmã morta-viva, que agora apareceu ao seu lado de repente. Ela teve que ignorá-la, nem olhar para seu rosto horrível conseguia, porque sabia que era coisa da sua cabeça.

Mesmo com o seu coração acelerado pelo nervosismo, ela correu em direção à mesa. Eles a viram no momento em que Telma pegou a arma e apontou para eles. Os dois tentaram avançar e ela ficou na defensiva, apontando cada um deles, com o seu dedo tremendo sobre o gatilho. Sua mão tremia muito enquanto segurava a arma. Eles riram para ela.

— Você acha que eu deixaria a arma carregada? Não sou burro para vacilar assim — disse seu Nivaldo enquanto se aproximava. Klaus sorria para ela. Seus olhos sombrios revelavam sua perversidade e má intenção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está mentindo — falou ela, com a arma apontada para seu Nivaldo.

— Então atire em mim, minha querida. Vai em frente! — ele disse enquanto avançava com os braços estendidos, abertos, pronto para levar um tiro sem fechar os olhos.

— Pare aí, por favor!

— Está com medo de atirar em mim, Telma?

— Pare, pelo amor de Deus! Pare!

Seu Nivaldo sorriu, quase perto dela. Ela não podia hesitar. Lembrou a cena do que eles tinham feito nela. Klaus dando bofetada nela. Imagens que deixaram seu estômago embrulhado e, tomada pela raiva por sentir-se suja e tocada por esses seres asquerosos, ela apertou o gatilho com olhos fechados na esperança de mandar seu Nivaldo para o inferno.

Mas a bala não saiu da arma. Nem um tiro foi ouvido. Seu Nivaldo não mentiu. Não havia uma bala sequer na arma. Ela abriu os olhos com o

PERIGOSAS ACHERON

coração quase saindo pela sua boca. Entrou em pânico. Largou a arma, que caiu no chão e correu em direção à porta de saída do apartamento. Seu Nivaldo e Klaus avançaram em sua direção. Enquanto Klaus bloqueou o caminho dela em direção a porta, atrás dela, seu Nivaldo agarrou-a, com os dois braços enlaçados em torno da sua cintura. Ela reagiu ao berro voluntário, em busca de defesa. Fez um movimento brusco para conseguir livrar do seu Nivaldo e acabou de jogar em cima da mesa de vidro, puxando-o consigo mesmo. O vidro da mesa não resistiu pelos pesos dos dois corpos e despedaçou, lançando-os para baixo em meio a tantos estilhaços de vidros cortantes, que cortavam e arranham os braços dos ambos. Ela gritava. Ele a agarrava com violência sem importar com os cacos de vidros. Klaus ficava ali, parado, observando os dois como se observasse a luta corporal na lama, só que no lugar dessa eram pedaços de vidros. Sangues apareciam nos corpos. Ele esboçou um sorriso de satisfação por ver Telma sofrer daquela maneira. Porém, o seu sorriso logo se desfez quando Telma pegou um grande pedaço de vidro pronta para apunhalar o pai dele. Ele reagiu imediatamente e pegou o braço dela em que

PERIGOSAS NACIONAIS

segurava o caco de vidro, apertando o pulso dela que fê-la largá-lo. Ela gritou de dor. Klaus colocou as duas mãos na cabeça dela e girou-a bruscamente, com o osso da coluna estalando. Ela caiu em cima dos cacos de vidros, sem mexer nada e nem respirar.

Seus olhos permaneciam abertos, como se estivesse olhando para o nada, infinitamente. Klaus e seu pai ficaram olhando para ela, em silêncio. Pareciam contemplar a sua beleza mesmo morta. Klaus começou a sorrir discretamente. O sorriso de satisfação de ser vingado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Alguém bateu na porta. Telma piscou os olhos três vezes, saindo do seu estado de devaneio enquanto estava na varanda. Ela colocou os dedos na testa, apertando-a ao sentir uma pontada de dor na cabeça. Deu-se conta da sua verdadeira realidade. Estava viva. *Ainda*. Não tinha certeza se Klaus iria longe, para matá-las. Ele não podia chegar perto dela e nem da irmã por causa da ordem judicial, mas quem sabe? Klaus era um homem doente, violento, capaz de cometer uma atrocidade apenas por pura vingança ou prazer da maldade. Telma sabia que, a qualquer momento, ela iria vê-lo, mesmo que brevemente. Com o Klaus solto, gozando na liberdade, a preocupação excessiva da Telma acabou criando para si uma

nova paranoia. Agora mesmo, ela pensou que ele poderia estar escondido, em algum lugar, observando-a, sorrindo, desejando vê-la morta.

A bituca do cigarro entre os seus dedos caiu no chão da sacada. Deu mais uma tragada antes de jogá-lo fora. Olhou para o cachorro no telhado e viu-o sendo resgatado por um homem no bote. O homem tinha um pouco mais de cinquenta anos, calvo e magro. O cachorro abanava o rabo para ele. Conhecia-o. Era o tutor dele.

Ela esboçou um sorriso ao ver o cachorro pular no colo do dono, que acariciava e o abraçava. Pela emoção que o dono demonstrava, sentia a falta daquele cachorro. Não o abandonou como ela pensava. Apenas, por alguma razão, o dono não teve tempo de pegar o cachorro antes da chegada da enchente. Mas agora o cachorro voltou com ele, juntos novamente, pronto para levar a família dele, que era onde deveria estar, com direito a comida, água e uma caminha confortável e não do telhado e esquecido sob a chuva interminável.

Ouviu mais uma batida da porta. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximou-se e abriu-a. Era a síndica, que segurava uma pequena travessa de vidro coberta de toalha de louça estampada de figuras de flores coloridas.

— Boa tarde, Telma!

— Boa tarde!

— Vim aqui para ver se está tudo bem com você e sua irmã.

— Estamos bem, obrigada.

— Que bom! Olha, vim aqui para lhe dar esse pedaço de bolo que preparei. Como estamos sem energia, não quis deixar o bolo na geladeira para não estragar. Por isso quis dividir com você e o seu Nivaldo. Espero que goste do bolo.

— Ah, obrigada! Adoro chocolate sim.

— Bom, se precisar de mais alguma coisa, estarei lá em cima.

— Por acaso, você estava na escadaria nessa manhã?

PERIGOSAS ACHERON

— Essa manhã? Sim, por quê?

— Era você? É que eu vi uma sombra de alguém na escadaria e tentei chamá-la. Mas ninguém me respondeu. Por isso fiquei preocupada.

— Ah, eu sinto muito, querida! Era eu mesmo. É que eu estava com fone de ouvidos ouvindo música. Por isso que não te ouvi me chamar. Deve ser por isso.

— Fico aliviada por isso! Depois que vi a sombra de alguém, eu comecei a pensar que era o ex-marido da minha irmã. Acho que fiquei um pouco paranoica.

— Realmente eu sinto muito por ter te assustado daquela maneira. Lembro que você me contou sobre aquele psicopata que fez mal com sua irmã. Ela está melhor agora?

— Continua sendo a mesma, mas ela está bem sim.

— Estimo melhoras a sua irmã. Bom, tenho que voltar para o meu apartamento e ligar para os
PERIGOSAS ACHERON

moradores para tranquilizá-los sobre os apartamentos deles. Até mais, querida!

Telma acenou para ela e fechou a porta. Deixou a travessa com o pedaço de bolo sobre a mesa e pegou uma faca para fatiá-lo. Colocou a fatia no prato e com o dedo coberto pela cobertura de chocolate do bolo, lambuzou-o. Saiu da sala e foi para o quarto da Lorena para acordá-la e comer o pedaço de bolo. Porém, viu-a dormindo, com seu rosto contorcido de dor pelo pesadelo. Ela aproximou-se e colocou a mão sobre a cabeça dela sutilmente para não acordá-la e assustá-la. Assim que a mão pousou sobre a cabeça, ela relaxou-se e seu rosto foi tomado pela tranquilidade. O pesadelo se foi. A sua respiração pesada normalizou. Telma sorriu com um aperto no coração. Ela hesitou acordá-la para tomar café e comer um pedaço de bolo, mas vendo-a dormindo tão bem, esquecendo-se do episódio do passado, achou melhor mantê-la como estava. Além do mais, não tinha mais o que fazer numa tarde chuvosa e sem energia elétrica. Ela saiu do quarto e tudo o que sentiu vontade naquele momento era fumar mais uma vez, ignorando de vez o pedaço de bolo na mesa. O

cigarro falava mais alto do que o sabor de chocolate para ela. O vício pelo fumo prevaleceu.

Foi para a varanda, observando a pálida paisagem da enchente. Pegou um cigarro, acendeu-o com um isqueiro e começou a tragar algumas vezes, enchendo seus pulmões sem se importar com o câncer que surgiria nos seus órgãos internos nas próximas décadas. Observou todas as casas emergidas pela enchente, pensativa. Então, ela viu de longe, em um dos prédios ilhados, onde, no topo do mesmo, havia um homem parado no parapeito, sozinho, sob a fina chuva. Apesar da distância impedir de ver seu rosto, a forma do seu corpo, do seu cabelo preto molhado, com as duas mãos pousadas sobre o parapeito, viu que ele olhava para ela. Não sabia por quanto tempo ele estivera ali, mas a observava o tempo todo. Será que era ele? O Klaus? Ela sentiu medo quando viu aquela silhueta masculina. Podia visualizar seu rosto sob a chuva tomado de fúria colérica, disposto a matá-la e a sua irmã.

Ela jogou o cigarro e voltou para dentro, fechando a porta da sacada imediatamente e, em

seguida, as cortinas. Pela abertura da cortina, ela espionou o homem no topo do prédio e não o viu mais ali. Mesmo com as mãos geladas e o coração disparado, ela não sabia se o que viu era real ou foi fruto de sua paranoia. Ficou calada por um tempo ali, imóvel, espionando lá fora, para ver se ele voltaria a aparecer no topo. E ficou ali esperando, esperando, esperando... sem dar-se conta de que, atrás dela, estava a sua irmã, Lorena, de pé, parada, em frente à mesa, encarando o pedaço de bolo no prato com um olhar triste, e em seguida pegou a faca. Ela não olhava mais para o bolo, e sim para a sua irmã caçula.

Era Telma imaginando isso? Talvez. A sua consciência pesou muito por permitir que se envolvesse com Klaus, traindo a sua própria irmã, como também sabia da verdadeira natureza predatória sexual dele e nada fez para alertá-la antes de ser quase morta por ele.

Lorena permanecia imóvel ali, olhando para sua irmã, com a faca na mão. Os olhos da Lorena fitando-a eram frios e não havia alma neles. Um desejo de vingança havia muito tempo adormecido

agora foi despertado. Estava prestes a acontecer um verdadeiro assassinato.

Ou era apenas mais uma paranoia da Telma?

Sobre o Autor

DENIS LENZI publicou seu primeiro livro de aventura juvenil, *O Entregador de Bonecos*, da série *As Luzes da Inocência*, o segundo, o suspense sobrenatural *Horas Contadas* e o terceiro, o horror sobrenatural *Travessia da Escuridão Eterna*. Também publicou o conto infantil *Um Anjo no Moinho*. Todos estão disponíveis na Amazon.

Nascido em 1975, na cidade de Blumenau, Santa Catarina, onde reside até hoje. É casado e tem uma cadelinha yorkshire terrier chamada Mia.

Além de escrever livros, também trabalha como capista e diagramador para editoras e autores independentes.

Contato: denislenzi@gmail.com

PERIGOSAS NACIONAIS

Website: www.denislenzibook.com

PERIGOSAS ACHERON